

“EM TEU NOME...” E “BATISMO DE SANGUE”: FORMAS CINEMATOGRAFÍCAS DE REPRESENTAR O EXÍLIO NA DITADURA BRASILEIRA

SARA DUARTE FEIJÓ*

Para muitos jovens, a imagem mais representativa do exílio de cerca de 5.000 brasileiros no Exterior, durante a ditadura militar de 1964 a 1985, é a de ex-militantes de esquerda desembarcando no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, ao som da canção *O Bêbado e o Equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc. As cenas do retorno de intelectuais, políticos, sindicalistas, jornalistas, ex-guerrilheiros e ex-estudantes beneficiados pela Lei da Anistia (Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979), cristalizou-se no imaginário popular como uma espécie de “volta por cima” daqueles que haviam sido forçados a deixar o território nacional por fazer oposição ao regime militar instalado em 31 de março de 1964. À falta de imagens dessas pessoas desempenhando atividades cotidianas em suas vidas no exílio, sempre que trazem à tona o assunto “regime militar”, os telejornais repetem à exaustão as imagens dos dissidentes sendo recebidos pelos familiares em aeroportos. Contudo, tais cenas não representam a experiência do exílio, e sim a parte final de um longo processo de luta, que terminou com a anistia para todos civis e militares que, entre 1962 e 1979,

tiveram seus direitos políticos cassados, foram demitidos ou aposentados sumariamente ou acusados de crimes políticos.

Somente a partir dos anos 2000, marcadamente por iniciativa de cineastas, é que têm surgido novas formas de representação sobre o dia-a-dia dos exilados brasileiros no exterior. Neste texto, iremos analisar a forma como a experiência do exílio é representada em dois recentes filmes de ficção sobre a ditadura: *Batismo de Sangue* (2006), de Helvécio Ratton; e *Em Teu Nome* (2009), de Paulo Nascimento.

Os dois filmes narram a trajetória de personagens reais, expulsos do Brasil em janeiro de 1971, no Grupo dos 70, como ficaram conhecidos os 70 guerrilheiros e ex-líderes estudantis libertados da prisão em troca do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado pela organização Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Batismo de Sangue, inspirado no livro homônimo de frei Betto (Editora Civilização Brasileira, São Paulo, 1981), narra a história do frade cearense Tito de Alencar Lima (1945-1974). Integrante da Ordem dos Dominicanos e aluno do curso de Filosofia na Universidade de São Paulo, ele foi preso em outubro de 1969, acusado de colaborar com a Ação Libertadora Nacional (ALN). Encarcerado durante mais de um ano no Presídio Tiradentes, em São Paulo, foi barbaramente torturado para confessar o paradeiro de seus companheiros da ALN e de líderes estudantis que, assim como ele, haviam participado da organização do Congresso da UNE em Ibiúna, no interior de São Paulo, em 1968. Depois de denunciar publicamente as sevícias sofridas no cárcere, frei Tito foi incluído no Grupo dos 70. Embarcou para o Chile e em seguida para a Europa. Sem conseguir suportar os traumas e a solidão do desterro, suicidou-se aos 29 anos.

Em Teu Nome... fala de outro integrante do Grupo dos 70, o gaúcho João Carlos Bona Garcia, hoje com 66 anos. Natural de Passo Fundo, RS, em 1969, mudou-se para Porto Alegre e passou a integrar a Unidade de Combate Manoel Raimundo Soares (UC-MRS), um braço da VPR. Em março de 1970, Bona Garcia e seus companheiros roubam um Gordini e com esse veículo assaltam um funcionário da companhia de gás Ultragaz, que transportava 65 mil cruzeiros em espécie. Apanhado pela polícia, Bona Garcia foi torturado e

permaneceu preso até janeiro de 1971, quando foi banido. Exilou-se no Chile com a mulher, Célia, mas teve de fugir daquele país devido ao Golpe Militar de 11 de setembro de 1973. Exilou-se na Argélia e depois na França. De volta ao Brasil, filiou-se ao PMDB, tornou-se diretor do Banrisul e chefe da Casa Civil do governo gaúcho. Em 1989, em parceria com o arquiteto Júlio Posenato, lançou o livro de memórias *Verás que um filho teu não foge à luta*,¹ que serviu de inspiração para o roteiro do filme *Em Teu Nome...*

Frei Tito e Bona Garcia se conheceram no voo que levou o Grupo dos 70 para Santiago. Bona Garcia decidiu permanecer no Chile, então presidido por Salvador Allende, que tentava implantar o socialismo por meios democráticos. Já frei Tito preferiu seguir para Roma e buscar o apoio da entidade à qual era filiado: a Igreja Católica. Chegou a ir até ao Vaticano para tentar denunciar à Comissão Justiça e Paz as atrocidades sofridas, mas acabou rejeitado pelas autoridades eclesiásticas. Partiu então para a França, onde foi acolhido pela Ordem dos Dominicanos.

As trajetórias de Bona Garcia e Tito de Alencar Lima são parecidas com as de milhares de brasileiros que foram forçados a deixar o país por fazer oposição ao regime militar. De acordo com a pesquisadora Cristina Pinheiro Machado, autora do livro *Os exilados – 5 mil brasileiros à espera de anistia* (Editora Alfa-Ômega, São Paulo, 1979), a partir do Golpe de 1964, houve duas grandes levadas de imigração de brasileiros por motivos políticos. A primeira ocorreu em 1964 e a segunda, a partir do final de 1968.

Em abril de 1964, pouco mais de 1.000 brasileiros seguiram o presidente deposto João Goulart e se refugiaram no Uruguai. Explica Cristina Pinheiro Machado

Logo no quarto dia após o golpe, o próprio presidente da República, João Goulart, partiu do Rio Grande do Sul para o Uruguai. Era a indicação final do caminho político em face do movimento militar [...] ao seu encontro, seguiram toda a cúpula do governo deposto e grande parte dos seus simpatizantes, chegando a se formar, nos primeiros meses após o Golpe, uma colônia de cerca de 1.000 brasileiros no Uruguai.

Segundo a autora, o primeiro grupo de exilados brasileiros era formado pelos “expurgados de 1964”, ou seja, aliados do governo deposto, que passaram a ser perseguidos pelo regime militar. Nessa leva, constavam nomes como o ex-

ministro Darcy Ribeiro, o sociólogo e integrante do grupo Ação Popular Herbert de Souza (o Betinho), o ex-procurador-geral da República Valdir Pires, além de políticos de esquerda como o prefeito de Natal, Djalma Maranhão, e os deputados federais Leonel Brizola, Plínio de Arruda Sampaio e Almino Affonso. De acordo com depoimento de Herbert de Souza aos organizadores do livro *Memórias do Exílio 1964-?? – De Muitos Caminhos* (Editora Livramento, Lisboa, 1976), eles pensavam que a ditadura militar no Brasil iria acabar em breve e, por isso, faziam planos de retomar as suas vidas no Brasil.

Na mesma época, algumas dezenas de brasileiros se refugiaram em países como México, Bolívia, França, Inglaterra, Suécia, Argélia, Alemanha Oriental ou Itália. A maior parte deles saía do Brasil clandestinamente, entrava em algum país como turista e lá permanecia ilegalmente, esperando a situação política melhorar para poder retornar.

Já a segunda geração de exilados tinha consciência de que a ditadura no Brasil não iria acabar logo. Elam haviam participado ou dado seu apoio à luta armada e haviam presenciado o regime de terror instaurado após a promulgação da nova Lei de Segurança Nacional, em 1967, e do Ato Institucional 5, de 13 de dezembro de 1968, que dissolveu o Congresso, extinguiu o habeas-corpus, colocou a imprensa sob censura e deu carta branca à polícia política para capturar supostos subversivos.

A partir do AI-5, pessoas investigadas por subversão eram obrigadas a abandonar seu emprego e sua família e partir para a clandestinidade. Até mesmo o contato telefônico ou por carta com os familiares lhes era interditado, pois se fossem rastreados, tanto o acusado de subversão quanto seus familiares poderiam ser presos, torturados ou mortos. Essas ameaças se estendiam aos dissidentes exilados.

Paralelamente, nos anos 1960/1970 países vizinhos ao Brasil também sofreram golpes militares, e passaram a perseguir militantes de esquerda. No contexto da Guerra Fria, somente países não-alinhados, como a Argélia, o México, o Chile e a França se dispunham a receber refugiados brasileiros. Segundo Cristina Pinheiro Machado, o país que abrigou o maior número deles foi o Chile. Em 1964, eram 70 pessoas. Em 1973, mais de 3.000. Ainda de acordo com a pesquisadora, o segundo país com maior número de refugiados

brasileiros era a França: entre 1.000 e 1.500. Sem documentos ou qualquer assistência do corpo consular, cada exilado tinha de lutar sozinho para obter documentos que lhe permitissem residência ou visto de trabalho em algum país estrangeiro. Muitos tinham de se sujeitar a tarefas braçais. O ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão, por exemplo, empregou-se como açougueiro.

Segundo depoimento do cientista Luiz Hildebrando Pereira da Silva à pesquisadora Cristina Pinheiro Machado,

entre os refugiados vindos antes de 1968 não havia praticamente o estudante sem recursos. Eram poucas pessoas, com algum suporte cultural e financeiro, que encontravam na Europa daquela década um ambiente de expansão dos organismos universitários e instituições de pesquisas, facilitando-lhes a inserção profissional. Mesmo os poucos estudantes que vieram puderam conseguir bolsas de estudos, dada a quantidade relativamente limitada de exilados. A partir de 1970, contudo, a situação inverteu-se. Várias centenas de brasileiros à procura de asilo chegam acompanhadas por milhares de chilenos, uruguaios e argentinos, numa disputa acirrada pelo mercado de trabalho. A Europa já não se encontrava mais em uma fase de prosperidade – na França, como em outros países, a taxa de desemprego vinha aumentando constantemente. Para os brasileiros havia ainda o agravante da falta de documentação, pois o governo brasileiro se negava a fornecer passaporte aos exilados.

Para denunciar o regime militar e tentar libertar companheiros presos, os grupos de luta armada brasileiros passam a sequestrar embaixadores estrangeiros. De 1969 a 1971 a ALN, a VPR e o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) sequestraram quatro embaixadores estrangeiros lotados em São Paulo e no Rio de Janeiro, tendo obtido, por meio dessas ações, a libertação de 130 presos políticos. Para coibir esse tipo de operação, em 1971, o governo militar baixa o AI-13 e o AI-14, determinando que todas as pessoas envolvidas ou libertadas por meio de ações desse tipo teriam seus direitos políticos cassados e seriam banidas. Se voltassem ao país, seriam presas e condenadas à morte.

Não era fácil para brasileiros acusados de comunismo ou prática de terrorismo conseguir asilo político. De acordo com Cristina Pinheiro Machado,

se o movimento de 1964 havia impossibilitado a permanência de seus dirigentes no Brasil, nem por isso iria facilitar a sua vida no exílio. A integração profissional, para muitos, era dificultada pelo veto do governo

brasileiro, que atingiam indiscriminadamente desde ex-ministros até pessoas sem grande projeção, que visavam cargos de secretaria ou de datilografia. Além de negar passaporte para os proscritos, através de suas embaixadas no exterior, o governo brasileiro colocava obstáculos no caminho dos exilados. As hostilidades culminariam na distribuição de 'listas negras' de brasileiros pelo mundo inteiro, fornecidas não só às embaixadas estrangeiras no Brasil, mas aos governos passíveis de concederem asilo. Até mesmo os filhos deles eram atingidos, uma vez que as embaixadas brasileiras no exterior se negavam a conceder passaporte e até registro de nascimento para filhos de brasileiros banidos.

Em 11 de setembro de 1973, as Forças Armadas do Chile matam o presidente Salvador Allende e tomam o poder. Apanhados por um segundo golpe militar, desta vez em uma terra estrangeira, os exilados brasileiros se vêem novamente sob a ameaça de tortura, extradição ou assassinato. Milhares de refugiados de diferentes nacionalidades decidem pedir asilo nas embaixadas com sede em Santiago. Segundo o ex-guerrilheiro fluminense Liszt Vieira, autor de *A Busca: Memórias de Resistência*, naquele período, no Chile, uma representação diplomática era o único lugar seguro para estrangeiros acusados de crimes políticos. Devido ao princípio da extraterritorialidade, a polícia e as Forças Armadas chilenas não poderiam invadi-la.

Vieira lembra que a embaixada da Argentina abrigou centenas de refugiados.

Éramos cerca de 700 pessoas de diversas nacionalidades, das quais 150 eram crianças [...] Alimentos e artigos de higiene eram trazidos pelo mordomo da embaixada, o único entre nós que não corria o risco de ser preso ao colocar os pés na rua. Nós, asilados, não podíamos sequer ir até o quintal ou nem mesmo olhar por cima do muro, pois o prédio estava cercado por militares chilenos, com seus fuzis apontados para nós. [...] Sentiamo-nos feito gado, esperando que em algum momento alguém nos tirasse dali. [...] Passaram-se quase dois meses até que, no fim de novembro, um avião militar veio nos buscar e fomos enviados à Argentina.

O mesmo drama relatado por Vieira atingiu o ex-guerrilheiro Bona Garcia. Na época do golpe no Chile, ele tinha trabalho e residência fixos e havia tido um filho no país. Contudo, após o golpe de 1973, teve de enviar a esposa e o bebê para o Brasil e se refugiar na embaixada da Argentina. Após meses de espera, conseguiu asilo na Argélia.

Feita esta introdução sobre o que significava ser exilado político brasileiro banido de seu país nos anos de 1964 a 1979, procederemos à análise dos longas-metragens *Em Teu Nome...* e *Batismo de Sangue*.

Os motivos que nos levaram à escolha desses filmes são:

- Ambos retratam o mesmo período da História do Brasil, a partir do ponto de vista de dois ex-militantes de esquerda que foram presos, torturados e banidos do Brasil na mesma data, em troca de um embaixador sequestrado.
- Os dois filmes mencionam que a tortura sofrida nos cárceres da ditadura e a ruptura forçada com os laços no Brasil causavam um profundo impacto emocional entre os exilados e, em último caso, poderia levá-los ao suicídio.
- Os dois longas-metragens foram filmados após o término da ditadura militar no Brasil (1964/1985), com o sentido de resgatar a memória daquele período.
- As duas produções trazem o mesmo tipo de reflexão sobre a luta armada: o de que os guerrilheiros tentaram fazer uma revolução “em nome do povo”, mas não contavam com o apoio popular nessa luta. Essa constatação fica evidente no título do filme *Em Teu Nome...* e em uma fala proferida por frei Tito em *Batismo de Sangue*.

Começaremos a análise descrevendo a forma como cada filme retrata do exílio. Em seguida apontaremos qual o efeito produzido por essas representações.

No longa-metragem *Em Teu Nome...*, de Paulo Nascimento, a ação gira em torno de cinco personagens: os estudantes universitários Boni (Leonardo Machado), Lenora (Silvia Buarque) e Honório (Marcos Verza), o sindicalista Higino (Sirmar Antunes), e o ex-religioso e líder do grupo armado, Professor (Nelson Diniz). Em 1970, o grupo se une para formar o embrião da VPR no Rio Grande do Sul. Além de pichar muros com palavras-de-ordem contra a ditadura, os personagens realizam ações armadas para angariar fundos para a organização. O personagem Boni, inspirado no guerrilheiro João Carlos Bona Garcia, desponta como o protagonista. Ao lado dos companheiros, ele comete um assalto. Dias depois, o grupo é apanhado pela polícia.

Presos, os quatro homens são torturados e levados para um presídio em uma ilha, onde permanecem incomunicáveis. Lenora, que a essa altura mantinha um relacionamento amoroso com o Professor, é levada para um

presídio feminino. Ela só reencontra os companheiros em janeiro de 1971, com a sua inclusão no Grupo dos 70.

Na capital chilena, Boni tenta refazer a vida. A namorada brasileira, Cecília (Fernanda Moro), vai viver com ele. O Professor ainda alimenta sonhos de atuar na luta armada e tenta convencer o grupo a manter os treinamentos de guerrilha. Lenora, porém, continua abalada. Não tem ânimo para buscar emprego e pensa em suicídio. Rejeita o apoio do Professor, a quem parece culpar pelo erro de ter aderido à VPR, decisão que lhe causou prisão, tortura e banimento.

- Eu quero morrer. Eu não me amo mais, não gosto mais de mim, entendeu?, diz Lenora ao personagem Professor.

Em conversa com Cecília, Lenora revela que não consegue parar de pensar nas torturas sofridas na prisão:

- Eles me mandavam tirar a roupa e me humilhavam. Um deles chegou a se masturbar bem perto do meu rosto! Não sei por que eles faziam isso comigo. Eu não tinha feito nada para eles!

Pouco tempo depois, Cecília engravida de Boni. O primeiro filho do casal, Rodrigo, nasce às vésperas do Golpe de 11 de setembro. Temendo ser delatados pelos vizinhos, eles buscam refúgio. Cecília consegue fugir com o bebê para a casa de parentes no Rio Grande do Sul. Boni, que é fichado como terrorista e, portanto, procurado pela polícia, abriga-se na embaixada da Argentina. Meses depois, ele liga para a família dizendo que está em Buenos Aires. Boni marca um encontro com a mulher e o filho no meio do Rio Prata. Em seguida, o trio embarca para a Argélia.

Em Argel, enquanto Boni se integra à Frente Brasileira de Informações, um organismo criado pelo ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes para difundir boletins sobre a situação política no Brasil e tentar mobilizar os exilados, Cecília não consegue trabalho, por ser mulher e não falar francês e nem árabe. Ela tem de cobrir o rosto com o lenço muçulmano e ainda enfrenta dificuldades como a de ter o seu segundo filho, Luciano, auxiliada por uma parteira, por falta de médicos.

Sem perspectivas na Argélia, Boni decide ir para Paris. Ele entra na Europa clandestinamente, tomando um trem na fronteira da Espanha, e tenta conseguir asilo político. A funcionária da ONU diz que ele não pode obter visto para viver na França porque já é asilado na Argélia. Em uma conversa tensa, Boni explica que deixou a mulher e os filhos em Argel e precisa de asilo para continuar lutando por seu país.

Em Paris, Boni e Cecília reencontram o personagem Professor. Ele revela que a ex-namorada, Lenora, está asilada na Holanda e segue muito deprimida: *“Eu desisti da Lenora. Tentei de tudo para ela voltar à vida, à realidade, mas ela simplesmente não consegue superar. Muita gente não consegue”*.

Em uma carta para os pais, levada por um intermediário, Boni fala de como é a vida da família no exílio:

A ONU nos deu visto de permanência na França. Depois do isolamento na Argélia, estamos vivos novamente e conectados com o mundo. A notícia sobre a morte da mãe da Cecília veio acompanhada de culpa e solidão. É incrível como até a morte consegue ser ainda mais doída quando se está longe!

Em Paris, Cecília consegue uma bolsa para cursar enfermagem, enquanto Boni começa a estudar na Sorbonne, e participa da organização do Comitê Brasileiro Pela Anistia. Ao reencontrar o Professor, o casal é informado que os colegas da VPR tiveram destinos distintos. O sindicalista Higino conseguiu asilo na Alemanha Oriental. O estudante Honório foi identificado como delator e assassinado.

Boni é eleito presidente do Comitê Brasileiro Pela Anistia, entidade formada por integrantes de dezesseis grupos políticos, como ALN, VPR PCdoB e MDB. Em seguida, Professor, Boni e Cecília aparecem em frente à Torre Eiffel, em Paris, segurando faixas e distribuindo panfletos sobre a campanha da anistia. O movimento ganha o apoio de veículos de comunicação brasileiros. O Professor explica que estão sendo criadas filiais do comitê na Suécia, Holanda, Portugal e Alemanha.

Meses depois, a Lei da Anistia é aprovada. Mas a euforia dos personagens é interrompida por dois eventos tristes. Um dia, Cecília volta do consulado do Brasil na dizendo que o seu visto de permanência e os de seus

filhos havia sido negado. Em seu passaporte, o aviso: “*Os portadores desse passaporte são esposa e filho de um banido NSN (nocivos à segurança nacional)*”. Em seguida, chega a notícia de que a amiga Lenora havia cometido suicídio atirando-se da janela de seu apartamento em Amsterdã.

Em dezembro de 1979, Boni e sua família recebem permissão para voltar para o Brasil. O sindicalista Higino vem da Alemanha Oriental para Paris para se juntar ao grupo. Mas na hora de partir, o Professor diz que vai ficar na Europa.

- Eu não vou voltar mais. Eu não consigo. Fiquei o tempo todo esperando este dia chegar, mas agora eu não consigo.
- É por causa da Lenora, não é?, pergunta Cecília.
- Não, é por mim mesmo. Acho que agora está na hora de eu saber verdadeiramente quem eu sou. Ou quem eu deveria ter sido. Não sei, talvez eu volte para a religião, talvez não mude nada. A verdade é que eu me sinto um estrangeiro em qualquer lugar.

A câmera corta para o desembarque de Boni e sua família no saguão do Aeroporto Internacional de Porto Alegre. Enquanto ele abraça os pais e amigos, um repórter pergunta: “*Valeu a pena, Boni?*” A câmera fecha o close no rosto do personagem, que abre um largo sorriso.

Batismo de Sangue narra como, no final dos anos 1960, um grupo de jovens membros da Ordem dos Dominicanos prestou apoio a integrantes do movimento estudantil e do grupo de luta armada ALN. O protagonista é o jovem frade Tito de Alencar Lima, preso e barbaramente torturado pela equipe do delegado Sergio Paranhos Fleury, do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

O filme começa com a imagem do suicídio de frei Tito (Caio Blat) na França, em agosto de 1974. Desse momento em diante, a história se desenvolve em forma de *flashback*, de modo a esclarecer o que teria levado o personagem a cometer essa atitude extrema. Ao longo de duas horas, o espectador é levado a acompanhar a *via-crucis* do religioso, que mesmo tendo sido libertado da prisão, não conseguiu resistir aos traumas.

No filme, a trajetória de Tito é marcada por muito sofrimento. Ao ouvir no rádio que seu nome está entre o dos 70 presos políticos que serão libertados em troca do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, o jovem frade sente

culpa por estar sendo libertado, enquanto os companheiros dominicanos continuam presos. Ao receber a visita da irmã, Nildes (Marcelia Cartaxo), que vai se despedir dele no presídio, frei Tito se mostra deprimido diz que não quer ser libertado: *“Eu não tenho medo de ser fuzilado. Eu não quero é ser banido do meu país. Eu não queria estar em lista nenhuma, droga!”*

No dia da soltura, quando os militares lhe perguntam a que organização política pertence, Tito responde: *“Eu pertencço à Igreja!”* Enquanto Tito e outros membros do Grupo dos 70 deixam o presídio, os outros presos vão para as janelas e bradam um trecho do Hino da Independência: *“Brava gente brasileira/Longe vá temor servil/Ou ficar a pátria livre/Ou morrer pelo Brasil”*.

A passagem de frei Tito pelo Chile não aparece no filme. Em sua cela, o companheiro frei Betto (Daniel de Oliveira) apenas comenta que Tito não quis permanecer no Chile, preferindo ir para Roma. Em seguida, sob a legenda “Paris, 1971”, frei Tito aparece caminhando às margens Sena em uma tarde de inverno. Está acompanhado de frei Oswaldo Rezende (Ângelo Antônio), a quem reclama:

- Em Roma eles me trataram como um padre terrorista. Não dava pra ficar lá não.
- Paris tem coisas muito interessantes, Tito, você vai descobrir... Nós temos feito reuniões para discutir a situação do Brasil, para ver como podemos ajudar. Seria ótimo que você fosse. Todos querem te conhecer. Você é muito respeitado entre os exilados.

Em seguida o frade aparece no consultório de um psiquiatra em Paris. Muito deprimido, ele diz que o delegado Fleury o persegue, e não adianta fazer terapia. O psiquiatra responde que na verdade ele não está conseguindo se livrar dos fantasmas de sua dor. Na cena seguinte, Tito está num café ao lado de Oswaldo.

- Não foi uma guerra do povo, né, Oswaldo? Foi uma guerra em nome do Povo, o que é muito diferente.
- É, você tem razão. E o povo não participou porque a guerra não era dele.
- Mas agora é o momento de criar um movimento democrático amplo, juntando todos os movimentos que são contra a ditadura, sem deixar ninguém de fora.

A conversa é interrompida quando Tito começa a ter alucinações. Ele vê no homem sentado à sua frente a imagem do delegado Fleury, chefe da equipe que o torturou. Tito se transfere, então, para o convento La Tourette, perto de Lyon. Ao seu redor, a atmosfera torna-se cada vez mais sombria e carregada. Emocionalmente abalado, Tito relembra as terríveis torturas e pensa que o delegado Fleury está no convento, à sua espreita. Nos momentos de lucidez, sente-se culpado: *“Meus companheiros estão presos, mas um dia eles vão sair. Eu mereço ser fuzilado, porque eu traí os dominicanos e traí o Brasil”*.

Um dia, ao receber a visita de Oswaldo, Tito se mostra arrependido de ter participado da resistência à ditadura.

- Eu podia ter feito tanta coisa, não é, Oswaldo? Não fiz nada. Nada de nada. Uma vida em vão.
- O que é isso, Tito? Você ajudou tanta gente, foi preso, foi torturado, foi banido. Você sempre foi tão forte! Tem que resistir!
- Talvez seja melhor morrer do que perder a vida, responde Tito.

Em outra cena, Tito recebe a visita da irmã, Nildes (Marcélia Cartaxo), e se mostra muito deprimido:

- Eu não aguento mais isso daqui, Nildes! Eu preciso voltar pro Brasil. Eu morro de saudade da minha terra, da minha gente. Eu fico tão sozinho aqui! Eu quero minhas raízes de volta, minha língua. Eu quero voltar para o meu povo. Foi para ele que eu lutei, que eu dei a minha vida!

Quando a irmã parte, Tito vai para um terreno baldio, sobe em uma árvore e se enforca. É a cena final do filme. Em seguida, aparece uma legenda, com um trecho de um poema escrito pelo frade: *“Assim externarei a lembrança de um passado sombrio”*.

Lançados com um intervalo de três anos, *Batismo de Sangue* e *Em Teu Nome...* surgem com o mesmo propósito: resgatar a memória da resistência à ditadura militar no Brasil. Essa temática tornou-se muito presente no cinema brasileiro a partir de 1994, quando foi lançado comercialmente o filme *Lamarca, o capitão da guerrilha*. Dirigido por Sérgio Rezende, o filme narra a trajetória do capitão Carlos Lamarca, que desertou do Exército para aderir à luta armada. A partir desse filme, a maioria das produções de ficção brasileiras sobre a ditadura

assumiu a forma de filmes de ação. Nessas histórias, os protagonistas são sempre guerrilheiros, que travam combates ferrenhos com os agentes da repressão e acabam torturados ou mortos. Pertencem a essa categoria obras como *O que é isso, companheiro?* (1997), de Bruno Barreto; *Ação Entre Amigos* (1998), de Beto Brant; e *Cabra-Cega* (2004), de Toni Venturi.

Em 2007, quando *Batismo de Sangue* estreou nos cinemas, vários críticos viram no filme como uma obra de um ex-guerrilheiro tentando passar para o público a visão de sua geração sobre a ditadura. Isso porque o mineiro Helvécio Raton é um ex-militante de esquerda que teve envolvimento pessoal na resistência à ditadura militar. Primo de um dos frades dominicanos que participavam do movimento estudantil (Luiz Felipe Raton Mascarenhas), aos 17 anos ele aderiu ao Comando de Libertação Nacional (Colina), onde conviveu com dois guerrilheiros que se tornariam famosos: ex-prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel, e a presidente Dilma Rouseff.

Em sua biografia, *Helvécio Raton, o cinema através das montanhas* (Pablo Villaça, São Paulo, Imprensa Oficial/TV Cultura, 2005), o cineasta afirma que em 1970 fugiu para Santiago e foi trabalhar na Chile Filmes, fazendo curtas-metragens sobre a situação social e política no governo Allende. Em 1971, teve um rápido contato com frei Tito durante a entrevista coletiva do Grupo dos 70. Duas décadas depois, decidiu produzir e dirigir *Batismo de Sangue* "porque não havia nenhum filme que abordasse a atuação da ala progressista da Igreja Católica na resistência à ditadura no Brasil".

Já Paulo Nascimento, o diretor de *Em Teu Nome...*, não tem nenhuma militância política. Nascido em Porto Alegre, ele já havia realizado três longas-metragens de ficção: *Diário de Um Novo Mundo* (2005), *Valsa Para Bruno Stein* (2007) e *A Casa Verde* (2008). Ele se interessou pela trajetória de Bona Garcia ao conhecer uma sobrinha do ex-guerrilheiro, a atriz Julia Feldens (que interpreta a irmã de Bona em *Em Teu Nome...*), e se convencer que aquela história daria um bom roteiro de cinema.

Mas *Batismo de Sangue* e *Em Teu Nome...* dialogam! O roteiro escrito por Helvécio Raton e Dani Patarra transforma o engajamento dos frades dominicanos na resistência à ditadura em um drama individual: a história do jovem nordestino pobre, barbaramente torturado e banido, ofusca todo o

processo político que levou 12 integrantes da Ordem dos Dominicanos no Brasil a se envolver na resistência à ditadura.

Ao ser questionado a que organização pertenceria, Tito diz que é apenas um religioso, ou seja, renega seu passado de luta política. Com o guerrilheiro Boni, de *Em Teu Nome...*, ocorre o contrário. Num primeiro momento, ele se envolve na luta armada influenciado pelos amigos. Porém, ao longo da ação, ao ser banido para o Chile e ter sua vida interrompida novamente por um segundo golpe de Estado, toma consciência da importância política de sua luta.

Impedido de voltar ao Brasil e de se comunicar com seus familiares, Boni se recusa a permanecer isolado e entra clandestinamente na França para tentar uma solução. Neste caso, não apenas a sobrevivência de sua família, mas também a aprovação da Anistia. Nas cenas de panfletagem na Torre Eiffel, fica evidente que Boni não estava lutando sozinho. E o próprio personagem afirma que foi levado à presidência do Comitê Brasileiro Pela Anistia pelo voto de representantes de 16 organizações diferentes, unidas pelo mesmo objetivo: a anistia e a redemocratização do Brasil.

Tito e Boni concordam em um aspecto: o de que a luta contra a ditadura foi feita por um pequeno grupo e não contou com o apoio das massas. Mas enquanto Tito se culpa por ter aderido ao movimento de resistência, e com isso ter “perdido a sua vida”, Boni consegue assimilar os erros e seguir adiante.

Em *Batismo de Sangue*, a força da repressão parece esmagar o protagonista. Especialmente nas cenas do exílio, Tito parece estar absolutamente sozinho. Consta que durante o período de exílio, que durou de 1971 a 1974, Tito continuou denunciando as atrocidades cometidas no Brasil e chegou a trabalhar. Contudo, no filme, só têm importância o seu arrependimento e a culpa por estar em liberdade.

Vale ressaltar que o protagonista de *Em Teu Nome...* não está imune à dor. Boni também sofre torturas, prisão e banimento. Na carta à família, descreve algumas dificuldades impostas pelo exílio: o isolamento, o desterro (que impede até mesmo sua mulher de comparecer ao enterro da mãe) e a herança maldita que transmite aos dois filhos, que recebem no passaporte o carimbo “*filho de um banido nocivo à segurança nacional*”.

Talvez pelo fato de haver construído o roteiro com base em cinco personagens, e não apenas um, *Em Teu Nome...* consegue dar conta de mais elementos do processo histórico do que *Batismo de Sangue*. Por meio do personagem Honório, o diretor falou da existência de agentes duplos infiltrados nas organizações de luta armada; com o sindicalista Higino, abordou a participação de pessoas pobres no movimento; através do personagem Professor, falou da participação de religiosos e professores universitários na resistência; e com a guerrilheira Lenora, que comete suicídio, falou de como a experiência do exílio poderia ser devastadora.

Não se trata, aqui, de julgar que um filme é melhor do que o outro. Tentamos simplesmente apontar qual tipo de memória da resistência cada um deles produz. Concluímos que enquanto *Em Teu Nome...* oferece vários elementos para a compreensão da complexidade da vida no exílio, *Batismo de Sangue* reduz o drama da diáspora brasileira ao sofrimento individual de um único personagem.

As duas obras constituem elementos válidos de análise do passado recente do Brasil, mas *Batismo de Sangue* peca por esvaziar o sentido da luta de uma geração que ousou acreditar que política, liberdade e paixão eram essenciais para a sobrevivência.

NOTAS

* Sara Duarte Feijó é mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: saraduartebr@gmail.com

¹ POSENATO, J. *Verás que um filho teu não foge à luta*. Editora Posenato Artes e Cultura, Porto Alegre, 1989.